

DESENVOLVIMENTO

Crescimento do país só estará garantido com mudanças nas legislações trabalhista e tributária. Na avaliação de economistas, assim será possível ampliar os investimentos

Reformas são imprescindíveis

LUÍS OSWALDO GROSSMANN

DA EQUIPE DO CORREIO

Se o desempenho da economia favorece perspectivas de um crescimento mais duradouro para o país, ele também projeta um certo temor de que os números positivos levem a uma acomodação, deixando para um futuro incerto algumas mudanças importantes para que o desenvolvimento seja de fato sustentável.

O economista Salomão Quadros, da FGV-RJ, insiste que para ter um crescimento mais vigoroso, o Brasil precisa realizar uma série de reformas estruturais. "O país não deu nenhum passo importante nos últimos anos, como a reforma trabalhista, a reforma tributária. São coisas que trazem limitações ao crescimento", observa. "É legítimo desejar que o Brasil entre no caminho do crescimento

sustentável, mas não basta apenas o desejo."

Mesmo o otimista Alexandre Schwartsman, do banco Real ABN Amro, lembra que a agenda de reformas é essencial para o ritmo do crescimento que se espera para o país. "O Brasil ainda cresce menos que uma série de países semelhantes e não vamos virar um país de alto crescimento no curto prazo, especialmente porque o investimento ainda é baixo. As reformas permitiriam acelerar o crescimento", acredita.

Especialista em conjuntura, o economista Antônio Carlos Assumpção, professor do Ibmec-RJ, lembra que com uma taxa de investimento que não ultrapassa 17% do PIB — segundo os novos cálculos do IBGE —, é difícil que o país imprima um ritmo mais forte. "Não conheço um país que, com 17% de taxa de investimento, tenha crescido, de maneira sustentável, 5% ao ano",

Iano Andrade/CB - 18/4/06



SCHWARTSMAN, DO REAL ABN AMRO: REFORMAS PARA ACELERAR O CRESCIMENTO

pondera. Segundo ele, falta ao país investir em educação para aprimorar seu capital humano,

diminuir a carga tributária e reduzir a insegurança jurídica.

"O governo lançou as PPPs,

mas até hoje não houve um empresário que tenha concordado em investir seus recursos neste tipo de parceria, pois não há segurança de que os contratos serão respeitados", avalia. "No curto prazo, a economia brasileira vai muito bem, muito melhor do que há alguns anos. Mas ainda falta fazer o dever de casa. Sem as reformas, vamos crescer sem desequilíbrios, mas pouco", apostila.

O economista-chefe da consultoria Austin Rating, Alex Agostini, ressalta que o Brasil vive seu melhor momento do ponto de vista da baixa vulnerabilidade, tanto externa quanto interna. Ele cita a boa relação dívida/PIB, o cenário de juros em queda e as reservas em alta. O problema, aponta, é que ainda há muitos gargalos de infra-estrutura. "A política econômica arrumou o galinheiro, mas daí a afirmar que a galinha voará mais alto é muito cedo", brinca.